

A fenomenologia de Edmund Husserl há trinta anos memórias e reflexões de um estudante de 1909

JEAN HÉRING
(autor)

GUILHERME FELIPE CARVALHO¹
(tradutor)

Apresentação

Durante vários anos, Jean Héring (1890-1966) foi professor de teologia na *Université de Strasbourg*. Um fato pessoal que o marcou definitivamente, foi o privilégio de ter sido discípulo de Husserl, em Göttingen. Nesta oportunidade, também teve contato com outros representantes da fenomenologia, como Edith Stein, Adolf Reinach e Alexandre Koyré. No breve texto a seguir, datado de 1939, um ano antes da morte de Husserl, Héring relembra a sua chegada em Göttingen, no ano de 1909 e o modo como Husserl impressionava os seus discípulos, pelo seu brilhantismo. Fato este que acompanhou Héring durante todo o restante de sua vida, impactando decisivamente em sua obra.

Tradução

Pode parecer temerário querer evocar de modo fiel memórias que remontam há cerca de trinta anos, tempo em que, chegando como jovem estudante em Göttingen, tivemos pela primeira vez, o privilégio de ouvir Edmund Husserl. Mas a extraordinária impressão produzida por seu ensino, é uma daquelas que ficam inefavelmente gravadas na memória. Foi ainda mais impactante por ser inesperado. Com efeito, se empreendemos esta viagem ao

¹ Guilherme Felipe Carvalho (1999) é aluno do Doutorado em Filosofia na linha de Ontologia e Epistemologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (PUCPR, 2024-), sob orientação do Prof. Dr. Federico Ferraguto. Possui Mestrado em Filosofia pela PUCPR (2022-2024). Cursa a licenciatura em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Internacional (UNINTER, 2024-). Possui especialização em Ética pela PUCPR (2022-2023) e especialização em Cristologia pelo Studium Theologicum (2023-2023). É graduado em Filosofia pela PUCPR, 2021. Em 2019, durante a graduação, atuou como professor substituto de filosofia no ensino-médio através do PSS-SEED-PR. E-mail: guilhermefelipe589@gmail.com.

Norte, não foi tanto para ouvir este Mestre² de quem mal tínhamos ouvido falar, mas para nos afastarmos da *Université de Strasbourg*, cujo ensino filosófico - à exceção dos cursos muito escassos de um *Privat-Dozent* que teve a feliz ideia de nos falar um pouco de Henri Bergson - nos desiludiu francamente. Quando chegamos à cidade de Lotze, começamos por frequentar quase todos os cursos de filosofia anunciados no quadro negro (havia mais de trinta horas por semana), depois, por um processo de eliminações sucessivas, imposto pela riqueza excessiva deste menu, cortamos quase tudo, exceto as lições e exercícios de Husserl e Adolf Reinach, que (além dos cursos de história e teologia que não abordaremos aqui) continuaram a nos fascinar a tal ponto que estendemos nossa estada na “Georgia Augusta”³ por vários anos, inicialmente prevista para apenas um semestre.

Certamente não foi apenas uma certa curiosidade que nos tornou num ouvinte assíduo deste discípulo original do *outsider*⁴ Franz Brentano, que era o filósofo austríaco⁵ Edmund Husserl. O que realmente nos arrebatou foi a atmosfera de uma solidez sem precedentes que emanava de seu ensinamento filosófico, o qual, embora apoiando-se em esforços que pareciam-nos eminentemente pessoais e dolorosamente obstinados, arrancava-nos como que de um único salto dos blocos de gelo movediços das “opiniões pessoais”, para nos transportar para aquilo que o próprio Mestre gostava de chamar o solo firme da filosofia. O que nos impressionou igualmente foi a substancialidade de seus cursos; soluções pouco vislumbradas pela escola de Windelband, cujos escritos já nos tinham servido de base, foi ensinado de forma clara e definida como ponto de

² É interessante notar que Hering usa o vocábulo *Maître* em maiúsculo, na qualidade de um nome próprio justamente para ressaltar a singularidade de Husserl, referindo-se a ele não como “um mestre”, mas como “O Mestre” (N. do T).

³ Trata-se de uma abreviação, de um nome popular referente à instituição *Georg-August-Universität Göttingen* (N. do T.).

⁴ Optou-se por utilizar a palavra original em face das ambiguidades que podem haver na Língua Portuguesa (N. do T).

⁵ Faz-se mister lembrar que Husserl nasceu em Proßnitz, Moravia, no ano de 1859. Neste momento, a região fazia parte do Império Austro-Húngaro, e por isso o fato de o autor denominar Husserl enquanto um filósofo austríaco, adjetivo este que hoje não faria sentido, posto que onde Husserl nasceu é território da atual República Tcheca (N. do T).

A fenomenologia de Edmund Husserl há trinta anos, memórias e reflexões de um estudante de 1909.

partida para muitas outras investigações fecundas; problemas considerados insolúveis, que tinham sido discutidos em outros lugares sem resultado nem esperança, tornaram-se mais claros e emergiram do nevoeiro de mal-entendidos legado pela tradição. E, no entanto, curiosamente, quanto mais seguíamos o ousado explorador que confiava apenas no que via, melhor entendíamos as preocupações das grandes filosofias do passado. Foi o próprio Husserl que, no decurso de seus exercícios sobre Kant, Hume, Lotze, e sobre E. Mach, nos ensinou a respeitar, a amar e a compreender estes pensadores, dando-nos aquilo a que se poderia chamar uma exegese objetiva de seus escritos, isto é, uma explicação que faz emergir os contatos (e as lutas!) destes autores com a Verdade que permanece una, embora percebida de diferentes maneiras.

Mas também temos de admitir que aquilo que era mais original na filosofia de Husserl, o que em todo caso estava mais próximo de seu coração, apenas começamos a compreender após várias semanas de esforço contínuo: a sua concepção de *fenomenologia* como uma forma particular de estudar a consciência, destinada a estabelecer uma base sólida para todas as disciplinas filosóficas e psicológicas.

É aqui que os cursos e *colloquia* de Adolf Reinach, um jovem *Privat-Dozent* da escola de Theodor Lipps, e convertido, por assim dizer, pelas *Logische Untersuchungen* de Husserl, nos foram realmente muito úteis, na medida em que ele sabia, de uma forma admirável, colocar-se ao alcance dos principiantes. No entanto, não podíamos deixar de ter a impressão (cada vez mais forte) de que, com o termo “fenomenologia”, ele não entendia exatamente a mesma coisa que o próprio Mestre. Também quando Reinach, durante nossa primeira visita à sua casa (o próprio Husserl era decididamente impressionante demais para que tivéssemos coragem de bater à sua porta, e estávamos longe de suspeitar dos tesouros de paciência, benevolência e amizade paterna que ele nos dedicou depois), nos perguntou se segundo nossa impressão, Husserl ensinava a mesma coisa que ele, somente pudemos responder-lhe isto: “Para vós, a fenomenologia é um método, para Husserl um ramo da filosofia”. Talvez devéssemos ter dito que o método (outros fenomenólogos preferiam dizer modo de ver e demonstrar) era o mesmo, mas que Husserl estava antes de tudo preocupado em colocá-lo ao

serviço de uma disciplina fundamental que chamava fenomenologia, e que estava destinada a superar radicalmente o mal-estar epistemológico dos tempos modernos.

Mas o que era esse “método”, ou melhor, o que representava aos nossos olhos um método que os alunos discutiam muitas vezes até muito tarde, embora soubessem que estavam de acordo quanto à sua utilização prática? Tratava-se, sobretudo, de dissipar a miragem criada por conceitos insuficientemente “garantidos” pela visão das coisas que eram visadas. Embora não se falasse muito de “inflação” sob os velhos regimes do pré-guerra, o nosso Mestre gostava de comparar os conceitos à notas de banco que somente extraem valor da espécie sonante em que são supostamente transformáveis⁶. Daí o grande papel desempenhado pelos fenomenólogos na eliminação dos equívocos e de toda a espécie de contrassensos veiculados por noções filosóficas insuficientemente esclarecidas. Aqui novamente manifesta-se uma espécie de harmonia pré-estabelecida com o bergsonismo. Mas tudo isso deveria conduzir (e isso já não é de todo bergsoniano) ao estudo *a priori* das “essências” filosóficas, representadas como eternas e imutáveis, um pouco à maneira platônica, seja qual for a experiência particular (real ou mental!) que deu origem ao “fenômeno” em que se baseia a visão/intuição ideal (*Wesenschau*) da essência. O que era então a filosofia para os Schapps, os Conrads, os Reinachs e os Schelers, senão a exploração destas “essências” em todos os domínios, por exemplo no dos valores morais e dos chamados entes teóricos, e a enunciação das numerosas “leis de essência” (*Wesensgesetze*), cuja variedade maravilhou os estudantes que tiveram o privilégio de viver esta primavera fenomenológica?⁷

⁶ Henri Bergson poderia ter se expressado da mesma maneira. Mas é curioso notar que Husserl (que pensava e escrevia demasiadamente para ter tempo de ler) mal conhecia o nome do grande renovador do Intuicionismo na França. Foi apenas através de um excelente relatório de Alexandre Koyré, apresentado à Sociedade Filosófica de Göttingen, em 1911, que ele se familiarizou com os princípios da filosofia bergsoniana. “Os bergsonianos consequentes, somos nós!”, declarou ele depois na discussão.

⁷ Pode-se compreender a pena lamentável que sentíamos em relação a uma outra escola filosófica, também sediada em Göttingen, que permitia aos seus alunos apenas 12 juízos sintéticos *a priori*, em tudo e para todos.

A fenomenologia de Edmund Husserl há trinta anos, memórias e reflexões de um estudante de 1909.

Mas toda esta investigação estava ainda, aos olhos de Husserl, apenas no domínio da *ontologia a priori*: certamente isto, estudado segundo o método indicado, constituía um imenso progresso em relação à negação ou à interpretação psicológica (claramente contraditória) dos problemas essenciais; mas a fenomenologia, segundo Husserl, visava mais alto: propunha-se a explorar a estrutura essencial da consciência (ele gostava de dizer *Bewusstsein*, sem artigo, usando o termo como um nome próprio), abstraindo a existência do Mundo e do *Eu* como um ser intramundano, uma existência demasiado “problemática” para servir de ponto de partida a uma filosofia absoluta.

No fundo, já tratava-se daquilo a que as *Ideias [I]*⁸ (publicadas em 1913) chamaram mais tarde o estudo no âmbito da *εποχή*, que está intimamente relacionada com a famosa “redução transcendental”. Estas investigações retomavam, portanto, de forma inesperada a análise do *cogito* cartesiano, mas numa base mais alargada, de modo a trazer para as preocupações desta ciência “radical” as volições, as afecções e todas as outras categorias dos atos da consciência - incluindo os seus objetos intencionais, ou seja, os *dados* com os quais se referem, independentemente da questão de sua “existência”. Mais do que isso: não era precisamente o próprio termo existência “objetiva” que a fenomenologia deveria esclarecer? Mas como então atingir o significado real, não fantasmagórico, dessa “existência” senão pelo estudo (praticável graças a um recuo da consciência sobre si mesma) dos atos que conduzem a ela e nos quais tal existência pode se manifestar? Foi com uma paciência incansável que o professor [Husserl] retomou as descrições fenomenológicas em que se baseou, percorrendo-as em seus diferentes aspectos, adaptando-se constantemente às dificuldades particulares dos alunos. É um pouco errado que às vezes qualifiquemos como monólogos do professor os seus exercícios, ditos “seminários” (que muitas vezes se prolongavam para além da hora e fora do Auditório): se ele próprio falava muito, era porque se esforçava para se colocar no lugar de quem lhe faria as questões.

296

⁸ HUSSERL, Edmund. (Husserliana III) Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch, in Husserliana, Band III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1976 (N. do T.).

Uma vez passado o período de espanto inicial, que para alguns ouvintes foi até à perplexidade, e uma vez compreendido notavelmente que este tipo de noética era algo diferente da psicologia, sentimos uma dupla libertação: esta *prima philosophia* fechou definitivamente a porta aos paralogismos de qualquer epistemologia de base psicofisiológica declarada ou oculta, que toma como ponto de partida indubitável as “sensações” provocadas por um “Mundo exterior”, que se explica assim, como construção do espírito. Ao mesmo tempo, sentimo-nos livres da estreiteza positivista que conhecia como “certo” apenas um número restrito de dados, precisamente aqueles que a teoria psicofisiológica permitia admitir.

A fenomenologia considera todos os dados da consciência tal como eles se apresentam, colocando-se deste modo, em um terreno filosoficamente anterior a toda teoria que postula ingenuamente a existência do Mundo, assim como as teorias psicofisiológicas não podem deixar de fazê-lo. “Nós somos os verdadeiros positivistas”⁹, afirmou Husserl, com séria ironia. Com efeito, o que ele deplorava em D. Hume não era sua preocupação em se ater aos dados positivos, mas em sua cegueira em relação ao maior número desses dados e, em particular, aos *dados a priori*¹⁰.

Sabemos que nas *Ideias*, Husserl deu um passo a mais que, aliás, afirmava já ter realizado na época de que falamos, mas ao que sabemos, havia escapado a todos os seus ouvintes: o primado epistemológico do estudo da consciência, aceito por muito mais alunos do que o professor talvez suspeitasse, transformou-se no primado metafísico da consciência. Mas aqui nós antecipamos o início de uma evolução posterior do Mestre, bem mais complexa e importante do que as muito poucas publicações que apareceram até agora e não dão qualquer

⁹ HUSSERL, Edmund. (Husserliana III) Ideen zu einer reinen Phänomenologie und phänomenologischen Philosophie. Erstes Buch, in Husserliana, Band III, Den Haag, Martinus Nijhoff, 1976, §20 (N. do T.).

¹⁰ A busca pelos dados reais ou ideais, concretos ou abstratos, teóricos ou axiológicos, esquecida pelos positivistas, corria por vezes o risco de degenerar numa espécie de desporto intelectual para os alunos. O Mestre advertiu-os contra o perigo daquilo a que chamou “fenomenologia de livro de imagens/livro ilustrado” (*Bilderbuchphänomenologie*) e nos exortou a não perder de vista os grandes problemas da filosofia.

A fenomenologia de Edmund Husserl há trinta anos, memórias e reflexões de um estudante de 1909.

indicação. O momento de falar disso terá chegado quando forem impressos os principais manuscritos que atestam as fases ulteriores (principalmente a última) de interpretação da fenomenologia por seu criador, que, mesmo nos últimos meses de sua vida¹¹, desfrutou do privilégio - quão bem merecido por esforços incansáveis! - para ver sempre melhor e mais profundamente o que havia descoberto.

O que quisemos esboçar aqui foi apenas o efeito produzido pelo início da fenomenologia sobre um aluno iniciante, uma descrição duplamente primitivista, suscetível no entanto, pensamos -talvez erroneamente- em esclarecer e tranquilizar alguns dos estudantes de fenomenologia de 1939, que um pouco desorientados em face de um rio de águas largas, com braços numerosos, com margens variadas, talvez tenham algum interesse em concentrar seus primeiros esforços no estudo da modesta, mas revigorante nascente que lhe serviu de berço.

No entanto, que ainda seja permitido a um teólogo¹² expressar sua gratidão à filosofia husserliana (mesmo considerado em sua forma arcaica) pelos serviços reais que ela prestou à filosofia religiosa, em particular a ensinada nas Faculdades protestantes que ele conhecia mais de perto. Não nos enganamos quando previmos que face a uma certa epistemologia religiosa secretamente subserviente a preconceitos psicologistas, bem como face a uma reação indignada contra aquilo a que se chama o subjetivismo da teologia da experiência, somente um estudo paciente e compreensivo dos fenômenos religiosos, conforme às intenções fundamentais da fenomenologia, poderia levar a um progresso duradouro.

A reação prevista ocorreu; mas não é suficiente tropejar contra o experiencialismo para se libertar da interpretação subjetivista que por vezes professa; ao contrário, muitos esforços em direção a um certo objetivismo ainda o pressupõem. Aos que condenam tanto o subjetivismo psicológico quanto o objetivismo construtivo ou puramente dogmático, é lícito pensar - e uma grande quantidade de investigações fecundas já foram realizadas em terrenos mais ou menos irrigados pela água proveniente da fonte de que estávamos a falar - que o

¹¹ Husserl faleceu no ano de 1938, um ano antes da publicação destas memórias (N. do T.).

¹² Tal teólogo é o próprio Héring (N. do T.).

estudo aprofundado da consciência religiosa em sua estrutura intencional poderá remediar a situação comprometida pelos epígonos de Schleiermacher - ao mesmo tempo em que faz justiça às preocupações básicas deste grande pensador, demasiado desvalorizado hoje em dia. Ele viu claramente, diríamos como fenomenólogo, que é somente colocando-se na consciência religiosa que se pode esperar falar do objeto religioso de maneira sensata e convincente, e vislumbrou a necessidade de excluir os critérios extrínsecos à religião e de apelar aos que se revelam à própria consciência religiosa, para estabelecer uma hierarquia de valor entre sentimentos e certezas religiosas. Poucas expressões surgem com tanta frequência em sua *Christliche Glaube*¹³, que os termos de “consciência religiosa” ou “consciência de Deus” (*Frommes Selbstbewusstsein, Gottesbewusstsein*). Se a teologia se desviou é, segundo os fenomenólogos, por falta de uma análise fenomenológica da estrutura da consciência religiosa que transcende a si mesma¹⁴. Mas por detrás de cada erro, gostava de dizer Husserl, há uma verdade; procurem-na!

Podemos também ver como a fenomenologia consideraria o novo capítulo a ser acrescentado um dia pelo seu reeditor ou continuador ao belo livro de Boutroux¹⁵, sobre as relações estabelecidas pelos filósofos entre a Ciência e a Religião. A separação entre investigação racional e irracional, tão cara à época pré-fenomenológica, será substituída por uma distinção entre os dados da experiência (sempre irracionais em última análise) e o seu estudo essencial pela filosofia. Por conseguinte, é difícil perceber por que razão uma ontologia dos dados religiosos deve ser menos “filosófica” do que qualquer outra análise de “essência”.

¹³ Provavelmente, o autor está se referindo a esta obra: “SCHLEIERMACHER, Friedrich. (Kritische Gesamtausgabe (KGA I/13.1-2). Der christliche Glaube nach den Grundsätzen der Evangelischen Kirche im Zusammenhange dargestellt (1830/31)” (N. do T.).

¹⁴ Se alguém objetar ao Fenomenólogo que certos dados religiosos não são objeto da experiência, mas da revelação, ele responderá que o significado intrínseco de uma “revelação” implica o desvelamento de um dado antes ou para a consciência; por conseguinte, o dado e a maneira de sua aparição serão susceptíveis de descrição, assim como o tipo particular de certeza que a acompanha.

¹⁵ Possivelmente, o autor refere-se a esta obra: “BOUTROUX, Émile. Science et religion dans la philosophie contemporaine. Paris: Ernest Flammarion, 1908” (N. do T.).

A fenomenologia de Edmund Husserl há trinta anos, memórias e reflexões de um estudante de
1909.

Université de Strasbourg.

Faculté de Théologie protestante.

Submissão: 01. 08. 2023 / Aceite: 01. 09. 2023